

'Paralisia' do País preocupa os banqueiros

NOVA YORK — É crescente a preocupação dos círculos financeiros internacionais, que temem as consequências de uma prolongada paralisação do governo brasileiro em matéria econômica e financeira — especialmente com relação à dívida externa —, em função da doença do presidente eleito Tancredo Neves. A preocupação reflete-se com clareza na imprensa financeira de Nova York e Londres.

O *Journal of Commerce*, de Nova York, publicou ontem um artigo de primeira página sobre o problema do presidente eleito e a necessidade da solução de numerosas questões. Enquanto isso, o *Wall Street Journal* afirmava que "o novo governo civil, que deveria ser encabeçado por Neves, está paralisado e não consegue enfrentar o problema da dívida externa de US\$ 100 bilhões".

"Alguns estão preocupados", continua o *Wall Street Journal*, "com a possibilidade de que a substituição do atual governo por outro mais à esquerda" venha a provocar uma anulação do que já foi estabelecido para o pagamento da dívida externa. Isso desde que se tornou "evidente que Tancredo Neves nunca assumirá o cargo". Por sua vez, o *Financial Times*, de Londres, numa edição recente, afirmava que o vice-presidente José Sarney "não conta com a autoridade pessoal ou política para impor sua vontade aos subordinados em divergência". E chama a atenção para o fato de que deverão ser tomadas medidas econômicas importantes dentro de pouco tempo.

"A opinião majoritária dentro da Aliança Democrática", comenta o *Financial Times*, "é favorável à posição do ministro do Planejamento, João Sayad, de que a macroeconomia deveria ter um aspecto humano. Esta posição coloca as necessidades internas da Nação acima dos credores estrangeiros. Continuar com a transferência de recursos financeiros para o Exterior, para manter boas relações com os credores, é o tipo de política que o governo terá grande dificuldade para obter uma aprovação do Congresso".

O mesmo tipo de preocupação surge nos comentários de fontes acadêmicas. Se o Brasil adotar uma posição mais informal em matéria financeira, poderá estimular outros países latino-americanos a fazer o mesmo. Esta é a opinião do professor Riordan Roett, especialista em assuntos latino-americanos na Universidade John Hopkins. O mais urgente em relação à dívida externa é a situação diante do Fundo Monetário Internacional (FMI), que suspendeu um crédito ao Brasil em fevereiro porque o governo militar não havia cumprido as metas de um plano econômico de austeridade.